

Trazendo o Visível aos Olhos de quem Vê: Paisagem-Postal em Diamantina

Bringing the visible to the eye of the beholder: Postal Landscape in Diamantina

Llevando lo visible al ojo del espectador: Paisaje Postal en Diamantina

Carolina Cardi Pifano de Paula

Graduanda, UFJF, Brasil.
carolinapifano@gmail.com

Lara Vilela Vitarelli

Graduanda, UFJF, Brasil.
laravitarelli@yahoo.com.br

Ana Aparecida Barbosa Pereira

Professora Doutora, UFJF, Brasil.
arqanabarbosa@gmail.com

RESUMO

Este artigo compartilha a síntese de vivências e resultados oriundos da oficina *Trazendo o visível aos olhos de quem vê: paisagem-postal em Diamantina*, desenvolvida com discentes da disciplina de História e Teoria da Arquitetura e Urbanismo VI: Brasil, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que acolheu nesta viagem de estudos a Diamantina, Minas Gerais, o projeto Jornada Integradora do centro acadêmico da Faculdade (CACAU). Visando elucidar possíveis caminhos sensíveis aos sentidos, nos quais Diamantina poderia ser percebida, junto a compreensão de sua condição de conjunto urbano e paisagístico, como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, foi realizado um percurso pela cidade para capturar, com câmeras nas mãos, a Paisagem-Postal, e assim, propor uma dinâmica de olhar para a paisagem urbana histórica de Diamantina. O objetivo foi explorar o potencial de gravações em vídeo como instrumento de leitura e identificação dos valores que se apresentam e elementos integrantes da paisagem, questionando intuitivamente o que poderia ser visto e vivenciado nos espaços e edificações, e como representá-los em imagens em movimento. Descortinado-se, após a realização da oficina, uma rica percepção da paisagem postal de Diamantina para o ensino do olhar e pensamento paisagístico integral e sistêmico, revelado por uma experiência poética do espaço, reconhecendo e valorizando a paisagem como bem patrimonial a ser conservado.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem-postal. Patrimônio. Paisagem urbana histórica.

ABSTRACT

The following paper presents the synthesis of the experiences and results from the workshop Trazendo o visível aos olhos de quem vê: paisagem-postal em Diamantina, for History and Theory of Architecture and Urbanism VI students, from the Federal University of Juiz de Fora (UFJF), jointly with the Jornada Integradora project, from the academic center of the course (CACAU), during a study trip to the city of Diamantina, Minas Gerais. Aiming to elucidate the possible sensitive ways by which Diamantina may be seen and recognized, along with its condition as an urban and landscape set, as a World Heritage Site by UNESCO, a route was taken through the city to capture, with cameras in hands, the Postal Landscape, and therefore, propose a dynamic to look at the Diamantina's historic urban landscape. The main goal was to explore the potential of the video recordings as an instrument for the reading and identification of the values and elements that integrate the landscape, questioning what could be seen and lived in the spaces and buildings, and how to represent them in moving images. Unraveling, after the workshop, a rich perception of the postal landscape of Diamantina for teaching an integral and systemic landscape thinking, revealed by a poetic experience of space, recognizing and valuing the landscape as a heritage asset to be conserved.

KEY WORDS: Postal landscape. Patrimony. Historic urban landscape.

ABSTRACTO

El siguiente trabajo presenta las experiencias y resultados del taller *Trazendo o visível aos olhos de quem vê: paisagem-postal em Diamantina*, enseñado por y para estudiantes en la disciplina de Historia y Teoría de la Arquitectura y Urbanismo VI, de la Universidad Federal de Juiz de Fora (UFJF), junto con el proyecto Jornada Integradora del centro académico del curso (CACAU), durante un viaje de estudios a Diamantina, Minas Gerais. Con el objetivo de dilucidar posibles caminos sensibles a los sentidos, en los que Diamantina pueda ser percibida, junto con la comprensión de su condición de conjunto urbano y paisajístico, como Patrimonio Cultural de la Humanidad por la UNESCO, se realizó un recorrido por la ciudad para capturar, con cámaras en mano, el Paisaje Postal, y así proponer una dinámica para mirar el paisaje urbano histórico de Diamantina. El objetivo fue explorar el potencial de las grabaciones de video como instrumento de lectura e identificación de los valores y elementos que componen el paisaje, cuestionando lo que se puede ver y experimentar en espacios y edificios, y cómo representarlos en imágenes en movimiento. Tras el taller, se reveló una rica percepción del paisaje postal de Diamantina para la enseñanza de la mirada y el pensamiento integral y sistémico del paisaje, revelado por una experiencia poética del espacio, reconociendo y valorando el paisaje como un bien patrimonial a preservar.

PALABRAS CLAVE: Paisaje postal. Patrimonio. Paisaje urbano histórico.

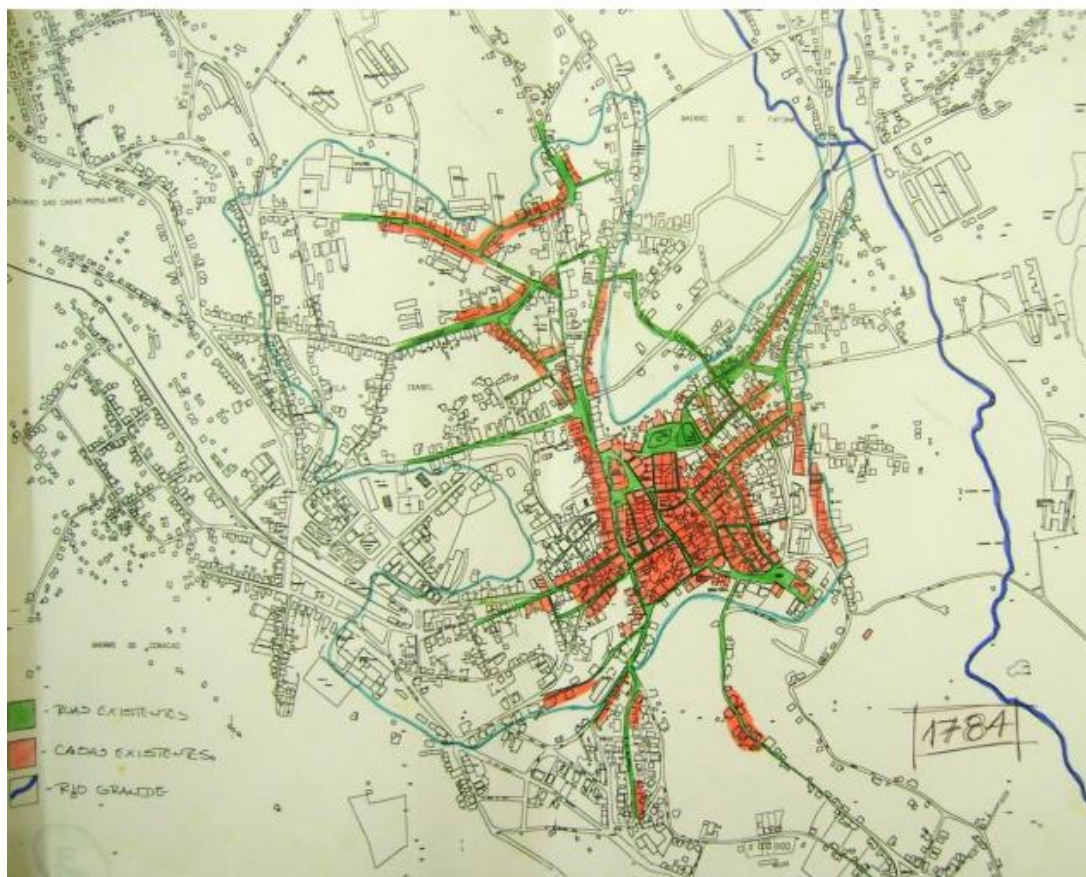
1 INTRODUÇÃO

A teoria da paisagem pode se apresentar como um instrumento essencial para o planejamento ambiental e econômico das sociedades de forma sustentável, tendo em vista o seu papel cultural de repositório da memória coletiva, reunindo valores significativos a serem preservados, de maneira a contribuir para uma efetiva qualidade ambiental e bem-estar social. Logo, é fundamental a educação em prol de um olhar paisagístico que seja capaz de assimilar os elementos da paisagem, seus sistemas e inter-relações ao interpretar os valores que lhe são atribuídos, e, assim, reconhecer as características inerentes da paisagem para a salvaguarda de sua identidade singular.

O evento *Uma vivência nos caminhos de Minas: um dia... o arraial do Tejuco*, organizado pela disciplina História e Teoria da Arquitetura e do Urbanismo VI: Brasil, oferecida, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em sua edição no primeiro semestre de 2019, buscou vivenciar a cidade setecentista de Diamantina pela perspectiva da paisagem através de uma viagem de estudos, pretendendo apropriar-se do que foi um dia o Arraial do Tejuco. As permanências e vivências se fizeram prioritariamente na região de ocupação predominante do arraial conforme mapa de 1784 (figura 1), que encontra-se dentro do perímetro reconhecido como Patrimônio da Humanidade pela Unesco. Nessa viagem, além dos alunos matriculados na disciplina e dos pesquisadores vinculados à grupos de pesquisas acerca do tema da paisagem cultural histórica dentro da faculdade, a disciplina acolheu o programa Jornada Integradora, uma iniciativa do centro acadêmico do curso (CACAU), que promove viagens e cursos complementares à formação acadêmica. Sendo assim, a viagem contou com alunos de diversos períodos que já haviam cursado a disciplina História e Teoria VI anteriormente, abrindo a possibilidade de uma variedade de atividades a serem realizadas na cidade, considerando este pré-requisito.

Foram planejadas oficinas, momentos de estudo organizados por alunos monitores e pesquisadores que em conjunto com a professora da disciplina, Ana Barbosa, que delinearão ações em três diferentes grupos para o estudo urbano. A oficina *Trazendo o visível aos olhos de quem vê: paisagem-postal em Diamantina*, se apresentou nesse contexto como uma oportunidade de voltar o olhar para a Diamantina sob a ótica do valor patrimonial de sua paisagem urbana histórica. Essa oficina foi essencialmente fundamentada na vivência do lugar como um instrumento de salvaguarda da paisagem a partir de um exercício de percepção e interpretação dos valores da paisagem cultural de Diamantina por meio de gravações de vídeo. E assim entender sua importância para a preservação patrimonial ao reconhecer e evidenciar a partir do entendimento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de paisagem patrimonial aqueles elementos que se apresentam em Diamantina.

Figura 1 - Mapeamento tecido urbano existente de Diamantina de acordo com a cartografia de 1784



FONTE: Arquivo Central do IPHAN/RJ *apud* Barros Filho (2018)

A ideia da oficina foi inspirada no curta-metragem *Lettre à Freddy Buache* (1982), dirigido por Jean-Luc Godard sobre a cidade de Lausanne, no qual o cineasta costura e recostura com maestria as relações inerentes da problemática paisagística contemporânea quanto ao desenvolvimento de um olhar integral. Direcionando à percepção do quê está contido na paisagem, de forma a revelar seus significados e valores através de uma perspectiva organizadora daquilo que se vê e se sente, e das sensações obtidas por meio da observação. Assim, o cineasta traduz, por meio da cinematografia, o que faz daquelas pessoas, árvores, rios, arquiteturas, movimentos, cores, etc. partes integrantes daquele espaço, e consequentemente daquela paisagem em específico.

Destacam-se dois aspectos do documentário: o primeiro é a possibilidade de compreensão do curta como um vídeo-carta, na qual Godard (1982), em um relato pessoal, descreve a leitura realizada por ele sobre a paisagem de Lausanne à seu amigo Freddy Buache, evidenciando uma experiência vivida. Tal experimentação pode ser identificada na obra *O Gosto do Mundo* através das palavras de Besse (2009) “Se há experiência, há exposição da subjetividade a algo como um ‘fora’ que a conduz e a empurra, às vezes violentamente, fora dos seus limites. Nesse sentido, a paisagem é, literalmente, ‘isso’ que põe o sujeito para fora de si mesmo” (BESSE, 2009, p. 49). Dessa forma, a paisagem se mostra como um acontecimento, como um evento no horizonte, aberto ao visível e ao invisível, e as possibilidades e potencialidades de estar no mundo e de ser atravessado por ele, criando e recriando as relações contidas no *meio* no qual a paisagem se formula.

Essa disposição de Godard (1982) de deixar-se tocar pela paisagem pretendida a ser registrada e a maneira como seu olhar é dirigido para capturar o quê faz essa paisagem, reflete na forma sensível como o seu conteúdo (valores, pensamentos e ações) será representado. A decisão do cineasta de reconstruir a paisagem da cidade potencializa os significados em reserva, descrevendo e inventando ao mesmo tempo o que já existe.

Para essa reconstrução da paisagem de Lausanne, Godard (1982) utiliza do movimento e da vista aproximada, proporcionada pelo *landline* como diria Veras (2014). A característica da composição de cenas é o segundo aspecto evidenciado no documentário. A composição estética proporcionada por uma produção cinematográfica e a emoção derivada é de uma ordem diferente da composição pictórica, a inserção do movimento e da mirada fragmentária do ponto de vista do caminhante rompem com a ideia estática e totalizadora desvelada pela pintura (SALVADÓ, 2015).

A grandes trazos, el montaje cinematográfico rompe con la idea de representar el paisaje como “totalidad”, propia del Renacimiento, para hacerlo a partir de fragmentos. El cine ofrece una nueva mirada al paisaje caracterizada por un doble movimiento: el relieve que adquieren los “detalles” y “fragmentos” paisajísticos y la elaboración del paisaje basada en el entrelazamiento de dichos fragmentos. Esta nueva forma de representar el paisaje es marcadamente diferente, a nivel estético y experiencial, de la visión totalizadora anterior (SALVADÓ, 2015, p.61).

A composição cinematográfica pretende restituir “un doble movimiento de una percepción que nace de bosquejos sucesivos, donde lo que no se ve es igual de importante que lo que se muestra, y de una emoción que vincula estrechamente las cualidades sensibles del mundo a su resonancia interior” (Collot, 2007, p. 10 *apud* SALVADÓ, 2015, p.63), anunciando uma paisagem-emoção que se aproxima de uma experiência *in situ*.

A mirada do caminhante introduz um tempo diferente, vinculado a um certo tipo de lentidão necessária para a apreensão dos detalhes da paisagem desdobrados pelo *landline*, permitindo que se habite o mundo numa relação de afetividade entre as pessoas e os espaços em um sentido coletivo (VERAS, 2014). É através do *landline*, da “linha” da vida vívida, que Godard (1982) retrata a relação construída entre homem e natureza em seu curta-metragem.

Para Diamantina, a vivência que este estudo apresenta trata de uma abordagem experimental de leitura da paisagem, mediante um registro do testemunho dos aspectos vivenciados pelo trajeto percorrido no antigo Arraial do Tejuco para a sensibilização do olhar individual. A oficina *Trazendo o visível aos olhos de quem vê: paisagem-postal em Diamantina*, desafia o participante a construir um entendimento do conceito de paisagem patrimonial e a percepção de tudo isso diante da urbanidade centenária de Diamantina. De maneira a se deparar com valores intrínsecos do patrimônio, chegando, então, ao reconhecimento para a salvaguarda do mesmo. Uma vez vivenciado seus diferentes valores (local, regional, nacional e internacional) através do sensível, fica perceptível a necessidade de sua conservação como conjunto paisagístico coeso em sua diversidade.

O caminhar foi inserido como instrumento de observação estratégico a fim de revelar a experiência paisagística, vinculando a percepção física e sensível, ao traduzir a partir dessa relação, na condição de hóspedes e viajantes, a paisagem. Hóspedes, no sentido de habitar e interagir com o território através das relações estabelecidas ao longo do percurso, e assim,

construir no momento do encontro dos corpos, do corpo “eu” e do corpo da cidade, uma leitura sensível e poética da paisagem percorrida. Dessa maneira, capturando a cidade existente que infunde com sua essência o corpo humano por meio de “[...] uma leitura psicogeográfica, um meio de conhecimento fenomenológico, uma interpretação simbólica do território, uma representação” (Careri, 2017, p.24) como umas das relações afetivas estabelecidas (figuras 2). E viajantes, na condição de perceber os modos de organização do espaço-tempo pela comunidade, tanto material quanto simbolicamente, que decorre em sua morfologia dinâmica e dialética, buscando requalificar pela imanência, imersão e participação crítica o estado atual da paisagem (BESSE, 2014).

Para Careri (2017), o percurso pode ser compreendido tanto como ação quanto como objeto arquitetônico e, ainda, como estrutura narrativa, expandindo o entendimento da arquitetura em direção à paisagem, bem como, do caminhar como instrumento de leitura e escrita da paisagem, em vista a “indicar o caminho como um instrumento estético capaz de descrever e modificar os espaço metropolitanos que muitas vezes apresentam uma natureza que ainda deve ser compreendida e preenchida de significados, antes que projetada e preenchida de coisas.” (CARERI, 2017,p.32)

Figura 2 - O grupo de viajantes



FONTE: Acervo dos autores (2019)

O papel da viagem para a formação de um olhar paisagístico é elucidado por Besse (2006) por meio da viagem de Goethe à Itália. A experiência proporcionada exerceu influência na observação, percepção, pensamento e produção de Goethe, refletindo uma visão integral com o mundo de maneira efetiva e resgatando o valor da experiência como forma de aprendizado. Essa oportunidade criada pela viagem, de permitir a aplicação do conhecimento adquirido no meio educacional, e de formação do indivíduo em seu fazer profissional, ao desenvolver um olhar holístico e atento à multiplicidade cultural das comunidades, pode ser observado também na viagem de Lúcio Costa à Diamantina em 1924, na qual o arquiteto apreende e reconhece as características arquitetônicas coloniais brasileiras em busca de uma modernidade nacional, o que influenciou a sua vida pessoal, profissional e ainda os seus projetos de salvaguarda do patrimônio.

Os relatos e registros produzidos pela experiência das viagens contribuem para criação de uma paisagem *in visu* pela qual aquele lugar, sua fisionomia, pode ser reconhecido, perpetuando certos aspectos que o identificam. É o caso dos relatos e pinturas dos viajantes naturalistas do século XIX, que, percorrendo o território brasileiro, colaboraram para a criação e consolidação da ideia de paraíso perdido, elaborada a partir de preceitos coloniais, eurocêntricos daquela época. Dessa forma, se torna imprescindível a responsabilidade ética e a abertura a novos caminhos, possibilidades e pensamentos-outros, reconhecendo o valor de americanidade transmoderna.

Em uma perspectiva latinoamericana, a Carta da Paisagem das Américas apresenta princípios fundamentais para a compreensão da paisagem no continente, trabalhando essencialmente em cinco estratos: o palimpsesto cultural, a cosmovisão, a natureza, a americanidade, e, por fim, a ética ambiental e estética. A partir desses princípios, a experiência paisagística proporcionada pela viagem de estudos realizada pela UFJF à Diamantina com os alunos do final do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo (figura 3 e 4), e considerando o percurso errático elaborado, demonstra a potência de um o processo contínuo de educação patrimonial diante da paisagem, respeitando e valorizando a diversidade e singularidade cultural e ambiental da paisagem presente e futura, reconhecendo o seu direito universal de acesso e bem-estar social.

Figura 3 -Primeiros momentos, apresentação da paisagem de Diamantina



FONTE: Acervo dos autores (2019)

Figura 4 - À primeira vista, Diamantina



FONTE: Acervo dos autores (2019)

A essência, apreendida pela experiência do caminhar, representa a identidade da cidade vivenciada e interpretada pelos sentidos à medida que invoca o local e o torna legível. Dessa experiência corporificada, os valores existentes na paisagem referentes ao território, ao meio vivo, aos espaços construídos e ocupados, e aos modos de produção (RIBEIRO, 2007) materializam-se e mostram-se visíveis na dimensão do “eu” errante. Ao compreender-se como parte de um todo vivo, o indivíduo passa a desenvolver uma consciência crítica em relação ao estado atual do mundo a sua volta, bem como de sua responsabilidade como construtor da própria paisagem.

Como registro dessa experiência, faz-se necessária a representação do que foi sentido e das sensações provocadas através de uma certa maneira de olhar, organizada por um senso estético e uma expressão artística crítica próprios de cada participante da oficina realizada, em Diamantina, sendo ela a filmagem.

2 A PAISAGEM DESCORTINADA PELA OFICINA

A oficina se organizou em duas etapas, a primeira em Diamantina, na qual foram apresentados os conceitos e a metodologia a serem utilizadas que proporcionaram a deambulação e o seu consequente registro audiovisual, e a segunda acontecendo já em Juiz de Fora para a montagem e edição dos filmes, concluindo, assim, a oficina.

A etapa inicial aconteceu em dois momentos com dinâmicas distintas. Primeiro, em conjunto com todos os alunos participantes, houve uma roda de conversa, construída para explicar a dinâmica das oficinas em si e, também, alguns conceitos fundamentais para instruir e provocar a curiosidade dos alunos para o descortinar de um olhar voltado aos aspectos que compõem a paisagem urbana histórica, objeto de estudo de todas as oficinas. Tomando como base os autores Anne Cauquelin, em seu livro *A invenção da paisagem* (2007) e Jean-Marc Besse, em *O gosto do mundo: exercícios de paisagem* (2014), o conceito de paisagem foi trabalhado com o entendimento de totalidade, da paisagem como ecúmeno, articulando o complexo sistêmico de elementos naturais e culturais responsáveis pela construção, planejamento e representação do território (Besse, 2014), e especialmente do processo contínuo de construção da paisagem, formador de um palimpsesto cultural por meio da inserção das dimensões humana e temporal

(figura 5), no qual estão registrados “manifestações físicas de pensamentos e ideias de uma cultura” (SÁ CARNEIRO e SILVA, 2012,p.149) resultados “do momento de sua criação, dos meios utilizados ou técnicas e de incidentes ocorridos durante seu percurso de vida” (SÁ CARNEIRO e SILVA, 2012,p.149).

Figura 5 - Registros da cultura, elementos da paisagem



FONTE: Acervo dos autores (2019)

Foi acessado o conceito de Paisagem Cultural Brasileira a partir do entendimento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), instituído por meio da Portaria nº 127, que a define como “uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores.”

Para o órgão federal de preservação no Brasil, a instituição da categoria de paisagem cultural contribui para ampliação dos instrumentos de reconhecimento dos bens culturais de destacada relevância para as comunidades contemporâneas, pois “viabiliza a qualidade de vida da população e a motivação responsável pela preservação desse patrimônio”(IPHAN).

Uma vez apresentados alguns dos entendimentos adotados acerca de paisagem, passou-se à atribuição de valor da mesma, parte da premissa dessa oficina. Tem-se, assim, os valores cênicos, estéticos, culturais e sociais, que foram os princípios trabalhados durante a oficina. Os processos de valoração são fundamentais no âmbito patrimonial, uma vez que é essa noção de importância que viabiliza a proteção de elementos, edificações e até mesmo conjuntos urbanos inteiros. Nesse contexto de busca da preservação patrimonial é apresentado o conceito de paisagem-postal, trazido por Lúcia Veras, em sua tese Paisagem-postal: a imagem e a palavra na compreensão de um Recife urbano (2014). As paisagens postais, termo associado aos cartões postais, vem justamente como expressão dos valores abordados anteriormente, trata-se daquilo de importante que é identificado na paisagem, de forma a colocá-la em um cartão postal. A oficina realizada em Diamantina propôs aos participantes exatamente isso, capturar a noção de paisagem urbana visando a sua conservação, identificando as “paisagens-postais” do antigo Arraial do Tejuco, a partir da imagem, materializadas em paisagens com valor de “cartão-postal”.

Ressalta-se a relação própria entre as “paisagens-postais”, a viagem e a contemplação de paisagens de valores estéticos admiráveis. O “cartão-postal” consagrou diversas paisagens

célebres pelas quais os lugares podem ser identificados, atribuindo valor às características singulares daquela região, o que reflete no reconhecimento de lugares tidos como atrativos para serem visitados. Contudo a experiência proposta pela oficina não traçou um roteiro que tenha percorrido os pontos “turísticos” de Diamantina, a intenção foi construída, justamente, a partir da investigação da paisagem pela prática da errância. O grupo de alunos da FAU/UFJF moveu-se pela cidade em busca de suas vontades de explorar e registrar aspectos outros, enaltecendo o corpo como “experiência física urbana enquanto prática cotidiana, estética ou artística”(JACQUES, 2020, p.16) para poder habitar Diamantina durante o período de tempo da oficina, pois o “turista, ao contrário do habitante, não se apropria do espaço, ele simplesmente passa por ele” (JACQUES, 2020, p.18).

Apresentados os conceitos fundamentais para a estruturação da oficina, passou-se para uma etapa fundamental para a sua plenitude, o da sensibilização dos participantes para a paisagem urbana histórica. Aqui, seguiu-se a lógica da paisagem, mas sob a ótica da geografia humanista de Yi-Fu Tuan (1974, *apud* PEREIRA; FERNANDES, 2011). O trabalho de Tuan destaca o caráter do lugar, para o autor os lugares só podem surgir a partir de ligações afetivas entre o meio físico e as pessoas, sendo o processo de transformação dos espaços em lugares uma produção puramente humana. A partir dessa percepção é possível entender mais profundamente a dimensão cultural da paisagem, que depende, essencialmente, dos sentidos como subsídio para a experiência dialética entre lugar e homem. Apresentar essa linha de raciocínio aos participantes permitiu que eles se abrissem e se atentassem ainda mais ao todo durante os percursos propostos. Possibilitando, assim, identificação ativa dos elementos que iniciavam as suas próprias ligações afetivas com o lugar, e por sua vez, se relacionam diretamente com os elementos de valor vivenciados e percebidos nessa paisagem-postal.

Identificou-se com clareza “de onde partir” e “de onde chegar”, mas “o como” foi deixado para a deriva, onde a descoberta guiou o caminho, descortinando uma Diamantina surpreendente a cada esquina e a cada filmagem. Neste contexto “o caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados” (Careri, 2013,p.51). É justamente essa dimensão construtiva do caminhar que viabilizou a atividade, pois a paisagem que vai se transformando com o percurso é apreendida ao longo do mesmo, capturada e registrada no momento, em um processo muito autônomo de construção, não só da paisagem em si, mas das formas de se registrar aquilo que se entende como valoroso. Juntamente com o processo de construção da topofilia, acontece simultaneamente a da corpografia de cada indivíduo, em um movimento contínuo de autoconstrução, numa experiência entre a existência humana e a geografia vivida. Revelando a escrita no mundo e a mútua afetação entre um “exterior” e um “interior”.

O grupo seguiu sempre os mesmos caminhos, justamente para que as análises comparativas entre os produtos finais fossem possíveis, não de forma quantitativa, nem mesmo com atribuição de valores, mas sim, única e exclusivamente, para se verificar os elementos, representativos do valor patrimonial daquela paisagem para cada um dos participantes, de forma que, juntos, todos os olhares criassem um panorama do conjunto, uma paisagem-postal renovada de Diamantina e atenta à seus detalhes.

Ao fim da oficina, ainda na parte da manhã do mesmo dia, o grupo se dispersou e alguns participantes realizaram outras filmagens e observações livremente e por conta própria. Assim, verificou-se a efetividade da proposta de sensibilização do olhar para a cidade e de seu

valor patrimonial. Todo o material coletado, durante e após a oficina, foi observado, o que possibilitou traçar um caminho mental acerca dos elementos que atribuem valor à paisagem de Diamantina. Os mais variados elementos foram capturados, alguns estenderam o olhar sobre as pessoas, outros sobre a arquitetura como um todo, alguns ainda se preocuparam com as minúcias dessas arquiteturas, registrando com grande enfoque os ornamentos. Houve, ainda, quem focou o olhar na presença de elementos naturais, em especial a Serra dos Cristais, enquanto outros nos elementos urbanos, se atentando mais as transformações desse território em si.

3 CONCLUSÕES

Através do caminhar foi possível investigar a paisagem urbana histórica de Diamantina pela compreensão da dialética dos corpos do “eu” e da Terra, vivenciado pelo exercício experimental da oficina *Trazendo o visível aos olhos de quem vê: paisagem-postal em Diamantina*, os valores que fazem desta cidade Patrimônio Mundial da Humanidade. Permitindo resgatar, em seu meio material e sensível, as formas pelas quais é possível “ver” e registrar suas “paisagens-postais” no formato de vídeo. A medida que se avança pelo percurso, a paisagem se internaliza e se revela na realidade concreta, e por sua vez, pode ser representada por uma geografia da experiência ou corpografia.

Destaca-se a experiência da deriva, do percurso errático, como movimento contrário à espetacularização das cidades, ao reconhecer o local e ao aproximar-se dos detalhes que não são possíveis de serem vistos por uma única mirada, como também a ação e construção coletiva do espaço revelada nos espaços públicos.

A gravação em vídeos se mostrou muito efetiva como uma alternativa a representação estática, mais usual a esse tipo de exploração da paisagem, explodindo as delimitações de uma pintura ao permitir a vinculação do movimento e, assim, reproduzir a experiência de ser introduzido no filme, resgatando os aspectos que se desdobram no *landline*. A necessidade de organizar e direcionar o olhar para capturar a essência (estrutura e substancialidade) da paisagem, exige o aprendizado da linguagem e, conseqüentemente, do pensamento paisagístico.

O cultivo do pensamento paisagístico é um importante instrumento para a educação patrimonial e para a salvaguarda do patrimônio cultural. Além de ser essencial para a formação de arquiteto da paisagem, uma vez que para ser agente da rearticulação das significações em reserva é necessário uma visão integrada e sistêmica para efetiva ordenação, gestão, planejamento e conservação da paisagem.

O olhar de cada indivíduo sobre aquela paisagem, observada e experimentada, se apresentou de forma fortemente única. Mesmo que diversos participantes tenham realizado o mesmo percurso, a atribuição de valor de cada um foi feita de forma particular, deixando claro que aquilo que salta aos olhos é, essencialmente, uma construção posta a partir da individualidade e disponibilidade do observador. É justamente a forma como se deixa afetar pela paisagem que o cerca. A partir dessa atividade de abertura de forma sensível para a cidade, os participantes puderam, por meio do olhar em movimento, transformar o espaço em lugar, compreendendo o que faz a paisagem urbana histórica de Diamantina, em sua força cultural.

Ao longo do presente trabalho, diversas considerações foram realizadas destacando a importância da experiência e valoração da paisagem para a sua proteção e ainda da importância da experiência corpórea para *habitar* a paisagem, sentindo-se como um ser integrante e participante das relações do mundo. Contudo, os desafios que a humanidade constrói através de sua ação contínua no mundo, em seu devir diante da paisagem, trás junto de si novidades desafiadoras na dinâmica de seu tempo a cada instante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem**. 1 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes - Selo Martins, 2007.
- BARROS FILHO, Edilson Borges de. **Urbs Adamantina: da Gestão à Preservação**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 2018.
- BESSE, J. M. **O Gosto do mundo: exercícios de paisagem**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora EdURJ, 2014.
- BESSE, J. M. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. 1 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. 1 ed. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.
- CARERI, Francesco. **Caminhar e Parar**. 1 ed. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2017.
- CARNEIRO, Ana Rita Sá. A interação paisagem/jardim na educação do olhar e na conservação do patrimônio. **Revista Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 14, n. 1, p. 4-21, janeiro-junho, 2018. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/824>> Acesso em: 17 set 2020.
- CARTA DA PAISAGEM DAS AMÉRICAS. México: 2018. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/12pYXmHptHFHzTye9zXR48ozlfzvymQS/view>> Acesso em: 16 set 2020.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. Portaria nº 127, de 30 de abril de 2009. Brasília, 2009.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Errâncias urbanas: a arte de andar pela rua**. Arqtexto, Porto Alegre, n. 7, p.16-25, 2005. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf> Acesso em: 13 mar. 2020.
- Lettre à Freddy Buache. Direção de Jean-Luc Godard. França/Suíça: 1982. (11 minutos).
- PEREIRA, Clevisson J., FERNANDES, Dalvani. **Cultura e Dimensões do Viver em Yi-Fu Tuan: Algumas Aproximações Geográficas**. UFPR: 2011 .
- RIBEIRO, Rafael Winter. Paisagem Cultural e Patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.
- SÁ CARNEIRO, Ana Rita e SILVA, Aline de Figueirôa. Caracterização dos Atributos dos Bens Patrimoniais. In: Plano de Gestão da Conservação Urbana: Conceitos e Métodos.(Org.) LACERDA, Norma e ZANCHETTI, Sílvio Mendes.Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, p. 148-157, 2012. Disponível em: <<http://www.ceci-br.org/ceci/br/noticias/622-lancamento-plano-de-gestao-da-conservacao-urbana-conceitos-e-metodos.html>> Acesso em: 17 set 2020.
- SALVADÓ, Alan. Recorrido por algunas de las “geografías emocionales” del cine contemporáneo.In: Luna, Toni; Valverde, Isabel (dir.). Paisaje y emoción. El resurgir de las geografías emocionales. Barcelona, p. 59 - 76: Observatorio Del Paisaje de Cataluña; Universitat Pompeu Fabra. (Teoría y Paisaje; 2), 2015. ISBN: 978-84-608-2975-. Disponível em: <http://www.catpaisatge.net/esp/documentacio_coedi_6.php> Acesso em: 22 de set.2019.

TEIXERA, Inês Assunção de Castro, LOPES, José de Sousa Miguel. **A escola vai ao cinema**. 2 ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

VERAS, Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti. **Paisagem-postal**: a imagem e a palavra na compreensão de um Recife urbano. 2014. 467 f. Tese (Doutorado) – Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.